

## FICÇÃO LITERÁRIA NO ENIGMA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO E A IDEIA DE INFINITO

LITTERARY FICTION IN THE RIDDLE OF THE PSYCHIC SUFFERING AND THE IDEA OF INFINITY

Silvério Costella<sup>1</sup>  
Paulo S.J Costa<sup>2</sup>  
Marcelo Fabri<sup>3</sup>

### Resumo

A reflexão refere à literatura ficcional no enigma do sofrimento psíquico como um mal do ser, oriundo de uma falha na formação do sujeito. O sofrimento como excesso se torna inútil ao determinar um modo de ser patológico, indicando uma alteridade problemática ao “acolher” o sintoma ao invés do sujeito. O paradigma do mal foi representado pela literatura ficcional de Levi, sobrevivente do campo de concentração. Representa a decadência absoluta do sujeito frente ao sofrimento. E o mal, representado pela literatura ficcional bíblica, no personagem Jó, mas que não sucumbe ao sofrimento e aos sintomas. O “bem” se sobrepõe ao “mal”. Jó teria superado a bipolaridade bem e mal na perspectiva do infinito, permitindo lidar com o trágico sem sucumbir. A análise fenomenológica fictícia sobre o contexto Levi e Jó, permite imaginar o sofrimento psíquico como um “mal psíquico” um mal da “criação” da vítima. A ficção literária permite liberdade infinita para referir esse mal como inerente à criação humana, um enigma.

**Palavras-chave:** Sofrimento inútil, bem, mal, infinito.

### Abstract

Reflection refers to fictional literature in the enigma of mental suffering as an evil being, who comes from a failure in the formation of the subject. Suffering as excess becomes useless when determining a way of being pathological, indicating a problematic otherness to "welcome" the symptom instead of the subject. The paradigm of evil was represented by fictional literature of Levi, a survivor of the concentration camp. It represents the absolute decadence of the subject in response to suffering. And evil, represented by the fictional biblical literature, the character Job, however he does not succumb to suffering and symptoms, "Good" outweighs the "bad". Job would overcome bipolarity good and evil from the perspective of infinite, allowing dealing with the tragic without succumbing. A phenomenological analysis of the context Job and Levi, allow to imagine the psychological distress as a "psychological harm" an evil of "creation" of the victim. Literary fiction allows infinite freedom to refer evil as inherent of the human creation, an enigma.

**Keywords:** Useless suffering, evil, good, infinite.

### Introdução

A análise é direcionada ao sofrimento como um conteúdo enigmático. Apresenta o sofrimento “inútil” não integrado no sujeito, como um excesso, um mal, que só atinge significação a partir da convocação ética. A acolhida do outro em sofrimento, a partir do sintoma, sem a ideia de infinito, é ineficaz. O sofrimento é ilustrado a partir de dois personagens, Primo Levi (Holocausto) e Jó (personagem bíblico). O paradigma do mal

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia, UFSM

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia, UFSM

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Filosofia, UFSM

representado por Levi, presa a integração ética, mas não garante a integração psíquica. Levi descreve e confronta o mal em seu limite insuportável. O paradigma do mal na ficção literária bíblica se transforma em paradigma do bem pela “superação” do mal. O crente desenvolve um mecanismo defensivo frente ao trágico a partir de um suporte que não é apenas imaginário, mas que pode ser oriundo da alteridade divina. Isto é, mesmo diante do mal como enigma, também é enigmático o modo como algumas pessoas sobrevivem ao sofrimento inútil a partir da ética e religião. A pesquisa tenta mostrar a partir da ficção literária, que nas mesmas condições de sofrimento “inútil” ocorre decadência e significação ou “superação” do sofrimento.

## **1. Do sintoma à ideia de infinito**

Pode-se denominar sintoma qualquer alteração da percepção normal que uma pessoa tem de seu próprio corpo, do seu metabolismo, de suas sensações, podendo ou não emergir a doença. Geralmente recorre-se a um profissional de saúde. Sintoma é a queixa relatada pelo outro e requer uma resposta para seu “alívio”. No organicismo cartesiano, esse profissional “remove” ou não o sintoma, que causa sofrimento no outro, com possibilidade de “cura”. A presença do outro nessa concepção tradicional de alteridade, é o próprio sintoma, ou não estaria lá para ser “acolhido”. Acolhe-se o sintoma, tentando eliminar o sofrimento e aliviar o sujeito. Manoni (1989) refere que pela experiência analítica direciona-se a “um saber que não se sabe” mas que é atribuído à ordem do inconsciente. O que não se sabe pode ser também o infinito que o outro me reporta. Não basta recorrer ao poder do intelecto. “Inteligir sería algo así como entender lo que lo inteligido es. Y esta capacidad de entender sería a su vez una especie de fuerza mental...”<sup>4</sup>. Inteligibilidade levinasiana é sensibilidade e ideia de infinito. Fabri (2001) refere que a filosofia de Levinas coloca em questão “o desejo mais caro ao saber filosófico”, pois articula uma linguagem como “dotada de um sentido que escapa ao Logos”. “Escapa ao logos” e me “atinge” como perturbação e convocação ética, impondo escuta e hospitalidade, com garantia de retorno, isto é, não ocorre um

---

<sup>4</sup> Zubiri, X. *Inteligencia sentiente – inteligência y realidade*, 1984, p. 248

“esvaziamento” do ser, pelo contrário. “Paradoxically, the self is served when serving others, not with the intent to serve the self, but by authentically serving the one who has priority over the self”<sup>5</sup>. Nesse sentido, o enfoque pode “transcender” o sintoma e visar o sujeito. Na ausência do sintoma como “conteúdo” psíquico, geralmente, o sujeito não conta, o rosto não aparece, pois a presença ou ausência está mais na ordem do sintoma do que o sujeito como um todo, ocorrendo uma fragmentação do outro. Está no imaginário social, na ideia, “o sujeito vai ao médico, deixa a subjetividade “atrás da porta” e “retoma” a subjetividade ao sair”. “O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo”<sup>6</sup>. Na dimensão levinasiana o outro permanece presente com ou sem estigma, como um enigma, um vestígio, pela ideia de infinito. “A ideia de infinito [...] conserva para a reflexão, o nó paradoxal que já se tece na revelação religiosa”<sup>7</sup>. Em Levinas, dispensa-se a taxonomia psicopatológica sem excluir o outro, pelo contrário.

O sujeito em sofrimento psíquico é portador de uma dimensão que não se reduz a compreensão racional. Para White (2012) é preciso dar suporte na miséria, mas a face é infinita. Pensar o sofrimento é “pensar” num enigma. “...o pensamento pensa mais do que pode conter...”<sup>8</sup>. Pensar e “conter” o sofrimento seria resolver um enigma. Freud atribuiu um enigma ao sofrimento. Costa (2011) refere que Lévinas concebe a ideia de infinito de maneira perturbadora, não pode ser pensada, tornando complexa a linguagem para dizer o infinito. “La relación con el infinito [...] es irrepresentable [...] su ausencia no es pura ausencia”<sup>9</sup>. Há algo na condição de sofrimento que reporta ao infinito. O rosto do outro é além do seu sintoma e de uma categoria filosófica. Um vestígio, não uma ficção ou não causaria perturbação. Algo que está ausente, mas que também se faz “presente”, de natureza diferente da imaginação de um centauro. Imaginar um centauro não perturba, é sem impacto. Pode-se imaginar o rosto como vestígio que “aparece” no rosto “carnal”, no cotidiano, mas que representa o infinito é além do que aparece como sintoma. A face “carnal” é além de sua miséria. “Outrem está presente num conjunto cultural e esclarece-se por meio desse conjunto, como um

<sup>5</sup> Marcus, I. In Search of the Good Life: Emmanuel Levinas, Psychoanalysis and the Art of Living, 2010, p. 166.

<sup>6</sup> Levinas, Totalidade e Infinito, 2007, p.188.

<sup>7</sup> Lévinas, E. Entre Nós – Ensaio sobre a alteridade, 2009, p.276.

<sup>8</sup> Idem, p. 225.

<sup>9</sup> Levinas. Dios, la muerte y el tiempo, Madrid, Editions Grasset, 1994

texto pelo seu contexto”<sup>10</sup> Um rosto “pobre” causa perturbação, um mendigo “esfarrapado” não se apresenta como neutro, pois diz algo, perturba quem vê, “... há no rosto uma pobreza essencial...”<sup>11</sup>. A imaginação permite conceber no rosto “carnal” a “presença” de uma ausência, mas não está todo ali, esconde algo de si. Na fantasia não há total neutralidade do sujeito em relação aos “objetos” que imagina. A perturbação pode se dar de fato, pela sensibilidade e intuição imaginativa do outro infinito. “A responsabilidade por outrem, significa como ordem no rosto do próximo, não é em mim simples modalidade da “apercepção transcendental”<sup>12</sup>, é “presença”. O sofrimento é parte da estrutura ontológica do ser humano, não podendo ser “removido” como se “remove” um sintoma, daí, o aspecto enigmático do sofrimento, ligado a ideia de infinito. A perturbação não se reduz ao estresse diante dos “patos” do outro, como se “pensava”, mas por ser irreduzível à razão.

## 2. O sofrimento nas duas tendências subjetivas

Existem duas alternativas de “fuga” frente ao sofrimento “inútil”. Ora predomina o núcleo sádico, ora predomina o núcleo masoquista. O sádico projeta seu “excesso” no outro, visando sua destruição, sendo parte do “prazer” que é um engodo. Na falha desse mecanismo defensivo, perde o equilíbrio e sucumbe a pressão do mal externo. O masoquista se “recolhe” e se “protege” do sofrimento externo, mesmo se autodestruindo, o que mantém uma paradoxal forma de equilíbrio, ausente no “sádico”. A figura de Jó não é redutível a uma classificação psicológica simplista, como masoquista. Mas representa pessoas em que predomina a reclusão em si mesmas frente ao sofrimento. Uma “fuga” interior que pode não se reduzir apenas a uma defesa psíquica. Estas encontram uma alternativa mais pacífica pela ideia de infinito ou crença na alteridade divina para lidar com o excesso de sofrimento. Não apelam tanto à liberdade existencial, mas liberdade a partir do clamor ético. “To be free is only to do what nobody else can do in my place [...] the claim made upon me by another precedes

---

<sup>10</sup> Levinas, Descobririndo a existência com Husserl e Heidegger, 1967, p.235.

<sup>11</sup> Levinas, Ética e Infinito, 1982, p.78.

<sup>12</sup> Levinas, Entre Nós – Ensaio sobre a alteridade, 2009, p. 220.

freedom”<sup>13</sup>. Ricoeur cita a seguinte posição de Jaspers, para expressar o papel da crença para lidar com o sentido trágico no sofrimento: “Não há tragédia propriamente cristã [...] mistério da redenção [...] trágico é dissipado na experiência da perfeição e da salvação pela graça. [...]. Mesmo na morte, haveria salvação. A alteridade da morte pode ser interpretada “quer como passagem ao nada, quer como passagem a uma existência, que se prolonga num novo contexto” (229).<sup>14</sup> As experiências fundamentais do homem, na medida em que são cristãs não são mais trágicas “<sup>15</sup> Jaspers permite interpretar que determinado perfil psicológico e/ou religioso tem vantagem sobre outro [sádico] para lidar com o trágico: “... o herói encontra a sua grandeza na paciência e essa paciência é como que um saber, um agir dentro do sofrer...”<sup>16</sup>. Não há pura passividade frente ao sofrimento, mesmo que a capacidade para reagir tenha sido cerceada pela inibição da hostilidade. Mas nada impede a presença do infinito, suportando o sujeito como resposta a sua crença, encontrando significação no sofrimento. O que não se sabe se há significação frente ao sofrimento inútil apenas recorrendo à alteridade divina, como fez Jó. “Os albigenses morreram por sua fé, crendo até à morte que Deus tinha necessidade de mártires”<sup>17</sup> O suporte ao outro, mesmo da alteridade divina possibilita equilíbrio psíquico, que é uma forma de representação; é “... como si el cérebro produjese, a saber según qué misterioso proceso, un soporte para la representación”.<sup>18</sup> Do mesmo modo: “Os cristãos negros foram massacrados por causa de sua raça, capazes de encontrar reconforto numa fé que não estava em questão”<sup>19</sup>. O “reconforto” é oriundo da certeza do crente que o Outro se importa com seu sofrimento. Há um mecanismo enigmático do cérebro ou que vem do infinito, que permite um equilíbrio psíquico diante da tragédia ou decadência do ser humano. O pensamento talmúdico questiona essa rigidez frente à alteridade divina. Estimula a flexibilidade, concede o direito de pecar e de retornar à harmonia ou equilíbrio. Não entra em questão se Jó pecou ou não, mas em retornar na condição anterior ao pecado, “senhor do

---

<sup>13</sup> Bernasconi, Re-Reading Lévinas, 1991, p.88.

<sup>14</sup> Lévinas, Totalidade e Infinito, 2008. É importante considerar que o suposto suicida reflete antes desse ato e entra em conflito com o desconhecido, com a possibilidade ou impossibilidade do nada.

<sup>15</sup> Ricoeur, Nas fronteiras da filosofia, p.135.

<sup>16</sup> Idem, p.134.

<sup>17</sup> Lévinas, Entre Nós – Ensaio sobre a alteridade, 2009, p.137.

<sup>18</sup> Richir, Imaginación y phantasia em Husserl, p. 428

<sup>19</sup> Idem, p. 137.

retorno”. Fromm (1981) avalia o pensamento talmúdico e refere que o homem é livre e independente, mesmo de Deus. Daí, o pecado ser seu e a volta ser sua. Na expressão talmúdica sobre o pecado arrependido é indicada pela expressão **baal teshuvah**, cujo significado é “o senhor do retorno”. Permitir-se errar convém melhor ao psiquismo do que prometer a si mesmo atitude infalível. Conforme Morisson (2001), “To be persecuted, to be guilty without having committed any crime, is not an original sin, but the obverse of a universal responsibility – a responsibility for the Other – that is more ancient than any sin” (p.323). O que não cometeu “nenhum” pecado parece não ter maior mérito daquele que pecou e “retornou”, “somos todos culpados”, mesmo que seja na relação com o “pecado original”. Na ficção literária existencialista, em O Processo (Kafka, 1976) o personagem Josef K. foi julgado e condenado sem saber o porquê. “Jamais se pode duvidar da culpa, isso sugere sem dúvida a doutrina do pecado original, da culpa universal...”<sup>20</sup> Todos somos convocados e “endividados” por outrem. “How glorious it would be if, when a Jew suffers persecution, a Christian would compassionately feel this same suffering in his or her heart and respond to this suffering hunger...” (325). “Sentir” o sofrimento do outro é sensibilidade e independe de pecar ou não pecar ou do perfil sádico ou masoquista. Mas, no paradigma do sofrimento em que aparece a alteridade divina, há uma enigmática alternativa para manter o “equilíbrio psíquico”, uma busca misteriosa da significação frente ao sofrimento “inútil”.

Outro perfil do sofrimento pode ser representado pela simples inibição ao mecanismo defensivo do sujeito em que predomina o núcleo sádico, representado pela literatura ficcional do campo de concentração em Primo Levi. Tanto na literatura bíblica na pessoa de Jó, como na literatura do holocausto, na pessoa de Primo Levi, ocorrem os dois núcleos em questão. Porém, pela ficção, pretende-se apresentar dois paradigmas, duas tendências para lidar com o “excesso” de sofrimento no ser humano, o que permite imaginar em Levi o núcleo sádico e em Jó o núcleo masoquista. No núcleo sádico são incluídos o algoz e a vítima. Isto é, não há um “mal absoluto” no algoz e um “bem absoluto” na vítima. Ambos tem potencial para o bem e para o mal. São as circunstâncias que determinam as atitudes “maldosas” ou “bondosas”. Mesmo o holocausto representando o paradigma do mal, pode ter tido um desencadeante do mal

---

<sup>20</sup> Heller, Kafka, 1976, p.31.

psíquico, como a psicopatia, ou o hitlerismo, emergindo da “banalidade do mal”. Mas uma “banalidade” que atingiu o extremo da não representação racional da dimensão do mal, além do que o humano pode suportar, sua decadência. Sachs (2010) refere: “The challenge faced by the novelist (or phenomenologist) is to understand Auschwitz as that which is ‘inconceivable’ and to communicate that understanding...”[...] Perhaps [...] only the gifts of a great novelist are sufficient”. Para Onate (2010) a imaginação permite “abrir” uma “janela” para outro mundo sem fazer uso da percepção. É preciso ficção ou conteúdo onírico para “situar” tal atrocidade. Como a sensação de esmagamento no sonho numa noite de inverno embaixo de pesados cobertores. A vida real se tornou impotente frente ao mal. Pela interpretação da narrativa é possível reescrever o texto no sentido ricoeuriano e buscar o que não foi escrito, encontrar um modo de lidar com o imprevisível, como presença antecipada da finitude provocada pelo mal.

### **3. Mal na desintegração psíquica e ausência de sentido**

O ser humano como um todo, independentemente da sua natureza psicodinâmica, pode sofrer as consequências destrutivas do mal que se apossa de sua consciência. Pela própria natureza psíquica, quanto mais vulnerável “mais” culpado, porque foi vítima do abandono e reagiu agressivamente. Mas teve o efeito rebote<sup>21</sup>, de sua revolta, que se constituiu em culpabilidade, o que pode afetar o psíquico e o sentido humano. White (2012) relata: “... physical suffering in its most extreme form effaces subjectivity and all subjective attitudes [...] suffering corrodes all the structures of meaning...”[...] reduced to a state resembling helpless infancy: [...] the supreme responsibility[...]into supreme irresponsibility, into infancy”.<sup>22</sup> Embora Ricoeur mencione o aspecto simbólico, mítico e enigmático do mal, que também atinge inocentes, como uma criança com câncer, no presente contexto foca-se o mal subjetivo, inerente e determinante da

---

<sup>21</sup> Rebote como efeito do bumerangue, que ao ser jogado no ar, tende a voltar ao seu ponto de origem. Uma mãe “não” continente é atacada pela criança através das fantasias destrutivas, visando estraçalhar o objeto (mau) ansiogênico, retornando a si mesmo como culpa. Uma reação culposa da ação de ataque à mãe.

<sup>22</sup> White, R. The Philosophy of Suffering, and the Ethic of Compassion. USA: The Heythrop Journal: Volume 53, Issue 1, 2012.

própria estrutura do sujeito. Mesmo no contexto psíquico, vale ressaltar Ricoeur, ao atribuir ao mal um desafio. “...o problema do mal merece ser chamado de desafio [...] um fracasso para as sínteses sempre prematuras, uma provocação para pensar sempre mais e de modo diferente”<sup>23</sup>. A partir da narrativa sobre o mal pode-se acrescentar o não dito no texto, pelas infinitas interpretações, no sentido ricoeuriano, fazendo emergir um pensar “de modo diferente”. Por hora, o desafio é fazer a síntese do mal como sofrimento “inútil”, o que parece se dar de fato em pessoas na perspectiva de Jó. Levi (1976) tece diferença entre a destruição física e de caráter humano, íntimo, como lembranças, sonhos e desejos. Um mal psíquico destruindo o próprio sujeito, uma culpa mítica, não real, mas invasora e danosa na própria subjetividade. Uma antecipação da morte psíquica à morte física. O psíquico ou o corpo erógeno morria antes do corpo biológico. Um estresse real somado a um imaginário culposo, culpa original. Sufocando primeiro os mais frágeis, onde a culpa é ainda maior, pois nunca tiveram estima<sup>24</sup>. O psiquismo é complexo pois além do mal externo, a que o sujeito é vítima, há um mal inerente ao sujeito que o ajuda na própria autodestruição. A ficção descreve a decadência do sujeito sem possibilidades de qualquer significação no sofrimento. Como pura degenerescência, corpo sem rumo, esmagado de fome, exposto e humilhado diante de si mesmo. O sofrimento de Jó também foi intenso, mas representa a “superação” do excesso do mal através do Outro, uma forma de “presença” que mantém a vítima “intacta” quanto sua integração psíquica, ética e religiosa. Diferente de Levi, que depois de um tempo de humilhação “absoluta”, mesmo que, caso escapasse ileso, pela piedade do destino, a alma com certeza não voltaria, esta já havia ficado pra trás. A existência como uma mágica que escapa ao sujeito, escaparia também a alma?. Como descrever tal fenômeno? Um ser sem alma! Profundo vazio existencial. Um estresse como um “matador” silencioso, causando despersonalização do sujeito e que Levi nomeia como “perda da alma”. O psiquismo foi invadido pelo mal e pela culpa, como violência e desagregação total do sujeito. Levi relata que algumas cenas parecem fruto da mais impossível ficção, verdadeiras obras de crueldade e loucura, histeria, neurose e outros

---

<sup>23</sup> Ricoeur, O mal, um desafio à filosofia e à teologia, 1988, p.47.

<sup>24</sup> Na psicodinâmica inconsciente, um sujeito traumático é mais “culposo” por ter estraçalhado pela fantasia, a imagem materna, por não ter sido continente. Se não for acolhido, sua culpa pode “destruí-lo” a nível psíquico.



sintomas mentais. Como ter acesso ao extremo da desintegração humana pela ficção? A ficção impossível limitaria sua liberdade infinita, no sentido husserliano. Esse texto de Levi, pode ser continuado pela ficção, produzindo novas interpretações para fazer face ao enigma do sofrimento. As descrições influenciam a ação a partir da compreensão e interpretação do texto, permitindo uma transformação do sujeito. As ações narradas no holocausto impactam o leitor frente a um estado de absurdo, uma realidade que se reproduz na memória individual e coletiva. “...entre a memória individual e a memória coletiva, o vínculo é íntimo, imanente, as duas espécies de memória se interpenetram” (Ricoeur, 2008, p. 404). O trauma não é puro esquecimento, não tem poder de apagar traços tão marcantes, a memória sobrevive. A literatura ficcional tem uma linguagem “dramática” e permite “vivenciar” essa dura realidade, representada pelo extremo sofrimento, “sofrimento inútil”. Supressão total de qualquer encantamento. Um excesso sem “poder” de síntese, um sujeito petrificado pelo sofrimento inútil, pelo poder do mal. A narrativa envolve o leitor e o perturba naquilo que há de mais íntimo. Só extrema insensibilidade “...não conseguiria perturbar a autonomia da consciência...”<sup>25</sup>. A ficção permite reconstruir esse texto produzindo novos conhecimentos para as próximas gerações, tentando “...trazer o não-notado ao olhar puro [...] dar realce ao não realçado, dar clareza e sempre mais clareza ao obscuro”<sup>26</sup>. A forma de dizer esse dito de modo criativo e imaginário, abre novas possibilidades para interpretar e compreender esse fenômeno trágico, para Lévinas, o paradigma do mal. Sobrevive como memória psíquica como loucura e dor. Atingiu-se o extremo da indiferença entre matar ou morrer. Levi (1976) em “É isto um homem?” reflete acima de tudo sobre o próprio homem, sobre sua incoerente e frágil existência, sobre seu egoísmo, miséria e humilhação. Neste estado, a língua não teria palavras para expressar tamanha ofensa, a destruição de um homem. Levi não consegue nomear o que se passa. Daí o papel da ficção, da linguagem hiperbólica. Algo transcende, o mal não é metabolizado pela apreensão humana. Uma condição humana mais miserável “não se pode” imaginar. O paradoxo é incluir o transcendente nessas condições de degradação humana, psíquica e espiritual. Dois males atormentaram essas vítimas, o “externo” e o “interno”. Morisson (2001) fez uma interpretação de Lévinas elaborando um exemplo do que denomina: “...a

<sup>25</sup> Lévinas, Descobrir a Existência com Husserl e Heidegger. Instituto Piaget. Lisboa, 1967, p.229

<sup>26</sup> Husserl, Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica, 2006, p.188

way step phenomenologically into the world of anonymous and depersonalizing evil that pierces the human soul with useless suffering...”<sup>27</sup>. Não há como separar os dois males. O mal externo fragiliza ainda mais o sujeito, reforçando seu mal psíquico. O autor reconstrói um enredo imaginário das vítimas: “Imagine yourself waiting to die[...]to be exterminated [...] You are the persecuted one. Your silence is your death, and your dead is nothing. Your suffering is useless. [...] Helpless? Abandoned? Terrified? Your whole consciousness has been poisoned by the evil of pain”<sup>28</sup>. Refere ainda que não há saída, nem esperança para pedir ajuda. E na face se dá a expressão de sofrimento puro e explosiva expressão de absurdo. Sofrimento sem significado e por nada [Suffering is meaningless and for nothing] (p.327). “O mal do sofrimento - passividade extrema, impotência, abandono e solidão [...] sofrimento puro, intrinsecamente insano, e condenado, sem saída, a si mesmo...”<sup>29</sup>. “A humanidade do homem que sofre é esmagada pelo mal que a dilacera[...]violenta e cruelmente[...] a negação que domina ou paralisa o ato na não-liberdade[...]negatividade do mal...”<sup>30</sup> Há um momento intenso de indiferenciação, com sensação de “eternidade”, um tempo psicológico “carnal”, traumático, “estático” onde todos são colocados na mesma condição. “...dans la stagnation du soi, il est impossible de se renouveler ou de se differencier. Le soi et le monde se figent dans le présent “éternel”<sup>31</sup>. Sem poder fazer face com o nada mesmo no extremo da desagregação psíquica. White (2012) refere que “...suffering is the impossibility of nothingness”. Não pleno anonimato, um vínculo enigmático com a “consciência” que lhe permite imputação moral mesmo dominado pela náusea causada pelo sofrimento, tendo um sentido sartreano, em que nada mais faz sentido. “Les affectivités assignées à l’il y a comme douleur, souffrance, malaise, nausée, poids de l’être, etc. sont les expressions de l’impossibilité de fuir de soi”<sup>32</sup>. A consciência confusa também pode ser vítima do mal mítico. Em “The Symbolism of Evil”, o mal aparece primeiramente como um macular-se, uma culpa que vem de fora da qual não se tem certeza sobre sua origem, mas que se faz presente, “manchando”,

---

<sup>27</sup> Morrison, G. Jewish-Christian relations and the ethical philosophy of Emmanuel Levinas: “At the very moment where all is lost, everything is possible”, London, 2001, p.327.

<sup>28</sup> Idem, p.327.

<sup>29</sup> Levinas, Entre Nós – Ensaio sobre a alteridade, 2009, p.131.

<sup>30</sup> Lévinas, Totalidade e Infinito, 2008, p. 130

<sup>31</sup> Murakami, Lévinas Phenomenologue, 2002, p.110.

<sup>32</sup> Idem, p. 110.

culpando e corrompendo e despersonalizando o sujeito. “Anonymous and depersonalizing existence, which was central to Levinas’ understanding of evil, was his notion of the “there is” [il y a]. The “there is” is understood as anonymous and depersonalizing evil that destroys the “human” out of “humana existence”. Levinas describe the “there is” as existence without existents (p.326). A interpretação feita por Morrison em “Il y a” dá ênfase ao mal [evil that destroys]. O mal psíquico gera uma confusão mental, tendo o “poder” de despersonalizar e destruir o sujeito. Mas permanece um paradoxo: “É em um tal traumatismo que se pode entender, não metafisicamente, mas propriamente dita, a palavra “transcendente”<sup>33</sup>, o que ajuda sustentar o sofrimento como um enigma no sentido Freudiano e a certeza ética no poder responsabilidade e convocação ética . “The conception of responsibility and ethics [...] do not emanate from the initiative of a subject; it chooses me before I chose it [...] Levinas gives us not an ethics but an “ethics of ethics”<sup>34</sup> . “...we know the truths of ethic as we know the truths of mathematics, even perhaps better...”<sup>35</sup>. A certeza de uma ética aparentemente “sem sentido” e anárquica.

## Conclusão

O mal psíquico é situado como o pior mal, pois se “apossa” de modo sutil do sujeito e determina um modo de ser patológico, comprometendo o ser próprio. Produz um sofrimento “inútil”, pois é um excesso não sintetizado. O bem ou o mal não são “escudos” contra o sofrimento, nem a inocência; como “uma criança com câncer”. O sofrimento tem o poder de desintegrar a vítima em todos os sentidos “imagináveis e inimagináveis”. O mal psíquico, intensifica ainda mais o sofrimento como culpa, com efeito degenerativo na vítima. Por outro lado, há um testemunho de sobrevivência psíquica representada pela ficção literária bíblica na pessoa de Jó. Representa vítimas do sofrimento inútil que sobrevivem de forma enigmática a partir da alteridade divina ou de um outro enigmático mecanismo defensivo. O acolhimento ético, não obstante as

---

<sup>33</sup> Lévinas, Interpretações Talmúdicas, 2002, p.29.

<sup>34</sup> Robbins, J. Altered Reading – Levinas and Literature, London, 1999, p.11.

<sup>35</sup> Warnock, Mary. Ethic since 1900. London, Oxford University, 2007, p.80.

circunstâncias de sofrimento inútil, é enigmático, impede a desintegração do sujeito e permite construir significado e sentido.

## Referências

BERNASCONI, *Re-Reading Lévinas*, USA, Indiana University Press, ;1991, p.88.

COSTA, P.S.J. *A Ideia de Infinito e o Lugar da Ficção no Método Fenomenológico em Lévinas: Dostoievski*. R.J, v.18,N.1,2011.

FABRI, M. *Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Levinas*. Porto Alegre. Editora: EDIPUCRS, 2001.

FROMM, E. *O Espírito de Liberdade*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

HELLER, E. *Kafka*, São Paulo, Editora Cultrix, 1976.

LÉVINAS, E. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. Instituto Piaget. Lisboa, 1967, p.229

\_\_\_\_\_. *Dios, la muerte y el tiempo*, Madrid, Editions Grasset,1994.

\_\_\_\_\_. *Interpretações Talmúdicas*, R.J. Civ. Brasileira, 2002, p.29.

\_\_\_\_\_. *entre Nós – Ensaio sobre a alteridade*, Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Totalidade e Infinito*. Trad. do Frances de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2005.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro, Ed. Rocco Ltda, 1976.

MARCUS, I. *In Search of the Good Life: Emmanuel Levinas, Psychoanalysis and the Art of Living*, 2010, p. 166.

MANONI, M. *Um saber que não se sabe - A experiência analítica*. Campinas: Papirus. 1989.

MORRISON, G. Jewish-christian relations and the ethical philosophy of Emmanuel Levinas: “At the very moment where all is lost, everything is possible”, London, Journal or Ecumenical Studies, 38:2-3, Spring-Summer 2001.

MURAKAMI, Y. *Lévinas Phenomenologie*, Grenoble: Jérôme Millon, 2002.

ONATE, A.M. Consciência imaginativa, fantasia e método em Husserl. In. Filosofia, *Aurora*, Curitiba, v.22, n.31. jul/dez.2010.

OLIVEIRA, I. *Perceptum, fictum e imaginatum* – A imaginação física em Husserl. Universidade de Coimbra, Revista Filosófica de Coimbra – n 36. 2009.

KAFKA, F. *O processo*. (tradução de Torrieri Guimarães). São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964.

SACHS, C. B. *The acknowledgement of transcendence: Anti-theodicy in Adorno and Levinas*. Philosophy and Social Criticism, 2010.

RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e a teologia*. Campinas: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. *The symbolism of Evil*. Translated by Emerson Buchanan. Boston: Beacon Press, 1967.

\_\_\_\_\_. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Ed. Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo, Ed. Loyola, 1996.

ROBBINS, J. *Altered Reading – Levinas and Literature*, London, 1999.

ZUBIRI, X. *Inteligencia sentiente – inteligência y realidade*, 1984.

WARNOCK, Mary. *Ethic since 1900*. London, Oxford University, 2007

WHITE, R. *The Phylosophy of Suffering, and the Ethic of Compassion*. USA: The Heythrop Journal: Volume 53, Issue 1, 2012.

Recebido em 25/12/2012

Aceito em 30/12/2012